

# REVISTA ESCOLAR

ORGAN DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO I | 5. PRUBO - 1.º de Novembro de 1925 | N.º 11

PUBLICAÇÃO MENSAL

Redacção e Direcção:

Largo do Arouche, 62

Redactor - director:

Prof. J. Pinto e Silva

Redactores - auxiliares:

Prof. Dr. José Veiga  
Alduino Estrada

## SUMMARIO:

*Revista Escolar.*

LIÇÕES PRATICAS: 1 — Linguagem. 2 — Arithmetica. 3 — Botanica. 4 —  
Leitura. 5 — Historia do Brasil. 6 — Geographia. 7 — Instrucção  
moral e civica. 8 — Physica. 9 — Geometria. 10 — Hygiene.

PYCHOLOGIA: 1 — Evolução psychica da criança.

LIÇÕES DE COZINHA: 1 — Legumes e hortaliças. 2 — A ardósia. 3 — Partes exterior-  
es do corpo humano. 4 — A castanha do Pará. 5 — A cortiça. 6 —  
Os perfumes. 7 — O canhamo. 8 — O fumo. 9 — O orvalho. 10 —  
O saldo.

QUESTÕES CERAES: 1 — O culto da belleza na educação infantil. 2 — Palestras  
sobre estudos.

LITTERATURA INFANTIL: 1 — Santa Cruz. 2 — O bombeiro. 3 — "Mimi." 4 —  
— Não devemos julgar pelas apparencias. 5 — O mutirão. 6 — Uma  
historia. 7 — Padre Diego Feijó. 8 — O bom atirador. 9 — A socie-  
dade. 10 — Um grande brasileiro. 11 — Imagem do Brasil.

METHODOLOGIA: 1 — Processos educativos.

EDUCAÇÃO PHYSICA: 1 — Jogo de "base-ball."

VELTOS E FACTOS: 1 — Alberto Nepomuceno.

PAGINA DA CRIANÇA: 1 — Exercícios de raciocínio.

RESCAS E CANTOS ESCOLARES: 1 — A taquara.

LEVRON, REVISTAS ETC.: 1 — "Supremacia e decadencia do futebol paulista." 2 —  
"O mestre, a escola e o ensino."

NOTICIAS: 1 — Machina de escrever musica.

DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA: 1 — Auxiliares de inspecção.

SECRETARIA DO INTERIOR: 1 — Actos diversos.

S. PAULO - Brasil

1925

## ARITHMETICA

## FRACÇÕES DECIMAES

## II

Agora que as crianças já conhecem *decimos*, sabendo lêr e escrevêl-os, poderão começar a sommar e a diminuir. Isto lhes dará pratica variada na leitura e escritura, firmando ao mesmo tempo o valor da virgula e das casas decimaes.

(Sobre as carteiras os quadrados da lição anterior, desta vez marcados os centímetros, no sentido vertical.)

*Professor.* — Ponham as tiras juntinhas.

*Alumno.* — Para formar o quadrado inteiro?

*P.* — Sim; esse quadrado é o inteiro.

*A.* — A nossa fazenda?

*P.* — Justamente: aquella que nós dividimos... em quantas partes mesmo, Alvaro?

*A.* — Em dez partes, em dez *decimos*.

*P.* — Muito bem: vejo que não se esqueceu. Supponhamos que desta fazenda inteira...

*A.* — Dos dez *decimos*, professor?

*P.* — ...exactamente. Supponhamos que o fazendeiro vendeu dois *decimos*. Com quanto ficou elle?

*A.* — Ficou com oito *decimos*.

*P.* — O comprador quiz mais, e o fazendeiro lhe cedeu mais tres *decimos*. Com quanto ficou o comprador?

*A.* — O comprador ficou com cinco *decimos*.

*P.* — Porque cinco?

*A.* — Porque dois *decimos* e mais tres são cinco *decimos*.

*P.* — E o fazendeiro com quanto ficou?

*A.* — Ficou com cinco *decimos*, porque dez *decimos* menos cinco *decimos* são cinco *decimos*.

*P.* — Venha ao quadro-negro, Augusto. Quantos *decimos* vendeu o fazendeiro a primeira vez?

*A.* — Dois *decimos*. (Escreve.) 2.

*P.* — E a segunda vez?

*A.* — Tres *decimos*.

*P.* — Escreva, pondo a virgula bem embaixo da outra virgula.

*A.* — (Escreve.) 3.

*P.* — Agora, somme.

*A.* — São cinco *decimos*.

*P.* — Quando sommarmos e subtrairmos decimaes, precisamos muito cuidado com as casas.

*A.* — Para collocarmos *decimos* embaixo de *decimos*, em vez de unidades embaixo de unidades?

*P.* — Sim. Si as virgulas se corresponderem, tudo o mais irá bem. (Muitos exemplos deverão sêr dados.) Os quadrados estão bem completos?

*A.* — Estão, sim, senhor. Mas, para que são estas marquinhãs?

*P.* — Vamos riscar, fazendo a regua tocar emcima e embaixo nos risquinhos correspondentes.

*A.* — (Risca.) Agora o quadrado ficou dividido numa porção de quadradinhos.

*P.* — Vamos cortar-os pelos riscos.

*A.* — Prompto. Estão cortados.

*P.* — Quem é capaz de me dizer quantas tiras tinhamos hontem, ou em quantas partes estava o quadrado dividido?

*A.* — Dez partes, dez *decimos*.

*P.* — E agora? Cortámos cada tira, cada *decimo*, em quantos pedaços?

*A.* — (Contando.) 1, 2, 3 etc. Cortámos cada *decimo* em dez partes.

*P.* — E o quadrado todo ficou dividido em quantos quadradinhos?

*A.* — 1, 2, 3, 4...

*A.* — Espere, eu conto mais depressa, assim: São dez *decimos* e cada *decimo* tem dez pedaços: são cem pedaços.

*P.* — Muito bem, Armando. Devemos sempre procurar o meio mais facil, mais curto, de achar uma resposta.

Então, nosso quadrado, nosso inteiro, ficou dividido em cem partes. (Mostrando.) Cada um destes quadrados, cada uma destas partes, é a *centésima parte*, é um *centésimo* do inteiro.

A. — O fazendeiro, si dêsse uma dessas partes, daria um *centésimo* da fazenda?

P. — Justamente.

A. — E si dêsse duas partes, daria *dois centésimos*.

P. — Mostre-nos, Alberto, *oito centésimos* da fazenda.

A. — (Mostra.)

P. — (Dar-á á classe varios exemplos.) Onde começam as casas dos numeros inteiros, Augusto?

A. — Da direita para a esquerda.

P. — Pois nas fracções, é justamente o contrario; a primeira casa, que vocês já conhecem...

A. — Os decimos.

P. — ...os decimos occupam a primeira casa á direita da virgula.

A. — As casas começam da esquerda para a direita.

P. — Esta segunda casa, que estamos aprendendo hoje, é a dos *centésimos*. Escreva um *centésimo*, Alfredo.

A. — (Escrevendo.) Eu ponho 1 na segunda casa, e o que ponho na primeira?

P. — A primeira está vaga, não tem decimos; ponha um zero.

A. — (Escrevendo.) ,01.

P. — Muito bem. Agora, escreva você, Alcides, 18 centésimos.

A. — (Escreve.) ,018.

P. — Está certo?

A. — Não está certo, professor.

P. — Porque?

A. — Porque centésimos não têm tres casas.

P. — O que é que você pôde tirar para ficarem só duas casas e não fazer falta?

A. — E' o zero.

P. — Então, escreva de novo.

A. — (Escreve) ,18. O 1 é a casa dos decimos e o 8 marca os centésimos.

P. — Sim, senhor. E' isso mesmo. (Dar-se-ão muitos exemplos, fazendo os alumnos lerem os decimos e os centésimos.)

## BOTANICA

### CAULE

“Pela observação directa facilmente se obterá o que nunca lograrão explicações copiosas e longas definições.”

Alumno. — (Lendo.) “O caule existe em todos os vegetaes.”

A. — Em todos, não! A cebola não tem caule.

Professor. — Tem, sim. Você já vae saber.

A. — Mas, onde fica elle, professor?

P. — Embaixo da terra. Essa parte mais bojuda, que comemos, essa parte que parece uma fruta é o caule da cebola.

A. — Então, ha caules que ficam debaixo da terra?

P. — Ha, sim; são caules *subterraneos*; mas os caules *aéreos* são muito mais numerosos.

A. — Só os aéreos é que eu pensava serem caules.

P. — E entre os aéreos, quantas variedades não ha!

A. — Muitos são *redondos*.

P. — *Redondos*, Julio? Não se lembra mais do que eu ensinei ha poucos dias?

A. — E' verdade! ... São *cilindricos*.

P. — (Mostrando.) Temos caules triangulares, quadrangulares et:

A. — Estes são caules?

P. — Sim, são cipós.

A. — Ah! estes trepam.

\*\*\*\*\*

# PEDOLOGIA

## EVOLUÇÃO PSYCHICA DA CRIANÇA

(HENRI BOUQUËT. — Trad.)

(*Continuação*)

### 3. — O GOSTO E O OLFAC TO

O olfacto não é mais desenvolvido do que os outros sentidos no recém-nascido, e requer como elles um tempo relativamente longo para sêr realmente impressionado.

Durante quasi um anno, algumas vezes mais, raramente menos, as impressões doces e agradaveis não são percebidas pela criança.

Póde-se lhe apresentar a mais perfumosa flôr sem que ella pareça sentir-lhe o perfume. Contenta-se em olhal-a, si offerece côres agradaveis ou pelo menos vivas; leval-a-á aos labios, mas ao leval-a ao nariz, não manifestará nenhum prazer.

Parece que as impressões sensoriaes seguem uma lei commum, que põe a criança em estado de receptividade maior e sobretudo mais precoce para as desagradaveis. E' assim que um observador notou uma criancinha de oito horas manifestar repulsão pelo seio de sua mãe cheirando a kerozene, enquanto tomava com gosto o outro seio que não tinha o mesmo cheiro.

O gosto segue, naturalmente, a evolução do olfacto, pelo menos quanto ás substancias perfumadas na apreciação das quaes este ultimo desempenha o principal papel. Quanto ás substancias salgadas ou assucaradas, a criança reage com bastante rapidez. Sabemos, com effeito, a impressão desagradavel que se nota nas crianças com o sal do baptismo catholico, collocado em sua lingua. Ninguem ignora, pelo contrario, o gosto

natural das crianças pelas substancias assucaradas. O leite do seio ou da mamadeira poderia sêr aqui tomado como éxemplo, mas parece que haja nisso um facto mais complexo do que se apresenta á primeira vista. Ao leite se liga, fóra de toda duvida, uma associação de idéas entre a acção de mamar, a côr branca do liquido (na mamadeira) e o cessar da sensação desagradavel da fome. A criança deseja sua mamadeira, porque esta contém o que muda logo a sua fome numa sensação agradável.

O que prova muito bem, em todo caso, que o proprio gosto, ou pelo menos a fineza do gosto, entra muito pouco no desejo de mamar, é a facilidade com que a maior parte das crianças aceitam a mudança de leite sem manifestar nenhuma repugnancia pelo gosto notavelmente differente. Apenas poderia haver uma excepção a esta regra no que diz respeito a certos leites muito cheirosos ou de odor relativamente desagradavel, tal como o leite de cabra. Ainda assim, muitas crianças não têm nenhuma difficuldade para acceital-o. Uma outra prova do mesmo genero resulta da facilidade com a qual no tratamento das gastro-enterites da primeira idade, faz-se a criança acceitar agua assucarada e até pura pela qual se substitue o leite durante os primeiros dias, ou o caldo de legumes cujo gosto de modo algum lembra o do leite.

Ainda poder-se-ia invocar o facto de, num certo numero de doenças das criancinhas, fazel-as absorverem no leite, remedios cujo gosto pronunciado e especial deveria repugnar-lhes.

